

E agora, João? História de vida realçando o construto da autonomia na aprendizagem de língua estrangeira (LE)

Eduardo Dias da Silva

RESUMO: A presente pesquisa, de orientação qualitativa documental, tem por objetivo analisar o per(dis)curso de aprendizagem autônoma do participante João Alves¹, doravante JA, sobre a perspectiva de história de vida através de análises de narrativa gravada – entrevista – em áudio de um questionário semi-aberto e semi-estruturado de acordo com Gil (1999), Bauer e Gaskell (2002) e Rosa e Arnoldi (2008), no qual faz-se uso de construto *Autonomia* definidos por Benson (1996), Nunan (1997) e Moura Filho (2009; 2005) no intuito de identificar quais dimensões da autonomia estão presentes no per(dis)curso do participante e quais os níveis de autonomia são/foram implementados ao longo do processo. Contudo, a *Autonomia* pode apresentar-se conectada a outros conceitos que não se restringem somente ao tema desta pesquisa. Assim, por meio dos resultados deste trabalho, deseja-se apontar a importância de se fornecerem oportunidades para que o aprendiz possa conhecer, refletir e discutir o seu processo de autonomia na aprendizagem de língua estrangeira (LE).

Palavras-chave: História de vida. Autonomia. Ensino-aprendizagem. Língua estrangeira

ABSTRACT: The present research, with qualitative documental orientation, aims to analyze the route/speech of the autonomous learning from the participant João Alves, from now on JA, on the perspective of life history through analysis of recorded narrative - interview - in audio of a semi-open and semi-structured questionnaire according to Gil (1999), Bauer and Gaskell (2001) and Rosa e Arnoldi (2008), in which the Autonomy construct is defined by Benson (1996), Nunan (1997) and Moura Filho (2009, 2005) in order to identify which dimensions of autonomy are present in the route/speech from the participant and which levels of autonomy are / have been implemented throughout the process. However, Autonomy may be connected to other concepts that are not restricted to the theme of this research. Thus, through the results of this work, we wish to point out the importance of providing opportunities for the learner to know, reflect and discuss their process of autonomy in foreign language learning.

Keywords: Life history. Autonomy. Teaching-learning. Foreign language.

INTRODUÇÃO

Aprender línguas, sejam elas na perspectiva estrangeira ou materna/natural, requer disponibilidade, bons recursos materiais e pedagógicos além de bons professores ou pessoas qualificadas para tal, como elucidado por Silva e Láscar-Alárcon (2016). Ainda de acordo com esses autores, “a língua é ensinada não como um conjunto de frases, mas como um conjunto de eventos comunicativos, cujas funções expressam o propósito para o qual ela é usada, em diferentes graus de complexidade linguística e em diferentes níveis de formação” (SILVA e LÁSCAR-ALÁRCÓN, 2016, p. 44). Desse modo,

ao compreender que a língua é construída socialmente e que ela produz mudanças nos participantes de um determinado contexto, percebe-se a

¹ Fez-se uso de pseudônimo a fim de preservar a intimidade do participante, conforme um dos princípios éticos da pesquisa acadêmica e para facilitar a fluidez na leitura, usa-se também a nomenclatura JA em referência a João Alves.

relevância da disposição de um olhar mais crítico sobre as práticas de ensino de línguas, particularmente, no caso deste estudo, as que se referem ao ensino de línguas estrangeiras (LE) (SILVA, 2015, p. 2).

Nosso interesse em pesquisar o tema em tela se deu pela tentativa de compreender como os aprendizes desenvolvem estratégias de aprendizagem² no processo de aprender línguas estrangeiras e como os profissionais da linguagem (professores de LE) precisam agir para alcançar as expectativas dos aprendizes, por conseguinte, o processo de ensino-aprendizagem é hoje entendido como uma construção que envolve um papel ativo por parte do aprendiz. Nesta perspectiva, torna-se imprescindível que ele desenvolva a capacidade de estabelecer as próprias metas, planejar e monitorar seus esforços na direção de um melhor desempenho acadêmico, profissional e social, conforme exemplificado por Souza (2010), direcionando em certa medida, sua aprendizagem autônoma.

Os estudos sobre autonomia na aprendizagem de línguas ainda carecem de maiores debates teóricos como relatado em Moura Filho (2009 p. 256), “uma das características dessa carência é constatável nas definições de autonomia por pesquisadores”. Por isso, neste trabalho adota-se a definição de autonomia em Benson (1996, p. 34), ao elucidar que

[...] autonomia é, invariavelmente, a problematização de papéis sociais e relações de poder. O processo de autonomia na aprendizagem é, necessariamente, a transformação do aprendiz em um ser social. Em outras palavras, a autonomia transforma não apenas os indivíduos, ela transforma, também, as situações e as estruturas sociais das quais eles são participantes.

Observa-se que autonomia envolve fatores complexos como aspectos sociais, políticos e psicológicos e a existência de tantas definições para um mesmo construto e o fato de algumas delas prestigiarem certos aspectos da autonomia em detrimento de outros, faz com que especialistas na área revejam suas definições sobre o construto ao longo do tempo, é o caso de Benson (1996, p.18) que (re)define a autonomia “em três dimensões (técnica, psicológica e política) na aprendizagem de línguas”.

Na Autonomia técnica, a aprendizagem da língua ocorre fora de contextos educacionais formais e sem auxílio de um professor. Nessa perspectiva, a autonomia é percebida em termos de situações nas quais o aprendiz é obrigado a assumir a responsabilidade sobre sua aprendizagem.

A autonomia psicológica é determinada como sendo a capacidade que permite, ao aprendiz, assumir níveis maiores e complexos de responsabilidade por sua aprendizagem. A

² De modo geral, uma estratégia de aprendizagem envolve diversos recursos utilizados pelos aprendizes ao aprender um novo conteúdo, ou desenvolver determinadas habilidades, podendo ser abrangente e generalizável à aprendizagem de várias tarefas e conteúdos ou restrita a uma tarefa específica, segundo Souza (2010). No aprofundamento desse construto, vide as pesquisas de Danserau (1985), Costa e Boruchovitch (2000).

autonomia é entendida como uma transformação interior, que pode ser auxiliada por uma autonomia situacional, sem se tornar dependente dela.

Benson (1996, p. 19) caracteriza a autonomia política com o “controle exercido pelo aprendiz sobre os processos e conteúdos de aprendizagem”. Nesta perspectiva, o ponto alto é a identificação das condições estruturais que possibilitam, ao aprendiz, controlar tanto sua aprendizagem quanto o contexto no qual ela esteja inserida.

Nunan (1997, p. 195) presta uma colaboração importante ao entendimento dos processos envolvendo a autonomia da aprendizagem de línguas estrangeiras ao classificar/identificar “níveis de implantação de autonomia do aprendiz”, conforme exposto no Quadro 1.

Nível	Ação do Aprendiz	Conteúdo	Processo
1	Consciência	Os aprendizes são conscientizados sobre os objetivos pedagógicos e sobre os conteúdos do material que estão utilizando.	Os aprendizes identificam as implicações estratégicas das tarefas pedagógicas e identificam suas estratégias e estilos de aprendizagem.
2	Envolvimento	Os aprendizes são envolvidos na seleção de seus próprios objetivos entre os vários oferecidos.	Os aprendizes fazem escolhas entre as inúmeras opções oferecidas.
3	Intervenção	Os aprendizes são envolvidos nas modificações e adaptações dos objetivos e conteúdos do programa de aprendizagem.	Os aprendizes modificam/adaptam as tarefas.
4	Criação	Os aprendizes criam seus próprios objetivos.	Os aprendizes criam suas próprias tarefas.
5	Transcendência	Os aprendizes vão além da sala de aula e fazem ligações entre o conteúdo da sala e o apresentado fora dela.	Os aprendizes tornam-se professores e pesquisadores

Quadro 1 – Níveis de implementação da autonomia - Nunan (1997, p. 195, com adaptações).

Ao propor esses níveis de implementação da autonomia, o próprio autor esclarece que eles não são rígidos, podendo haver ocorrência simultânea dos cinco, e que tais níveis não têm uma sequência também rígida, durante o processo.

Metodologia

Nesta seção, busca-se derivar as implicações metodológicas da teoria de Autonomia de Benson (1996), de Nunan (1997) e de Moura Filho (2009; 2005) sobre o tema em tela, em outras palavras, mostrar como os aspectos teóricos e interesses de pesquisa em Autonomia funcionam metodologicamente dentro do quadro da pesquisa qualitativa de modo geral e também aplicados à presente pesquisa. Pois, conforme Bauer e Gaskell (2002, p. 21), o interesse deste tipo de pesquisa é revelar “a maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros”, no caso apresentado, o per(dis)curso de aprendizagem autônoma do participante João Alves (JA).

Segundo Silva (2014), a pesquisa qualitativa trabalha a realidade como sendo compreendida como fluente e contraditória, e os processos de investigação são vistos como dependentes das concepções, valores e objetivos do pesquisador. Seguindo a mesma lógica, Moura Filho (2000) destaca que pesquisas deste teor enfatizam a natureza da realidade socialmente construída, a relação entre o pesquisador e o contexto, e as restrições que podem ocorrer.

Dentre as diversas técnicas de pesquisa, a entrevista caracteriza-se pela interação entre pesquisador e pesquisado (participante), ou seja, formulam-se perguntas ao respondente com o objetivo de coletar informações que possam ou ajudem a resolver o problema de pesquisa, em um determinado estudo, de acordo com Aguiar e Medeiros (2009). Ainda falando sobre esse instrumento de pesquisa, Gil (1999, p. 121) explica que “a entrevista [...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número”.

Conforme previamente mencionado, um dos objetivos desta pesquisa foi analisar a história de vida do participante JA em relação ao seu per(dis)curso de forma autônoma no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) - Inglês. Sendo assim, foram feitas observações e gravações de áudio, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas para poder capturar e interpretar os discursos, atitudes e ações do participante nos processos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE) - Inglês. Portanto,

pode-se certificar que a opção pela técnica de coleta de dados através dos instrumentos de entrevistas e de questionários devem ser feitas quando o

pesquisador/entrevistador precisar valer-se de respostas mais profundas para que os resultados da sua pesquisa sejam realmente atingidos e de forma fidedigna. Apenas os sujeitos selecionados e conhecedores (participantes) do tema em questão serão capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto (SILVA, 2016, p. 37).

Pois, de acordo com Santos e Santos (2008),

se quisermos saber a experiência e perspectiva de um indivíduo, não há melhor caminho do que obter estas informações através da própria voz da pessoa. O método [história de vida] utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Busca conhecer as informações contidas na vida pessoal de um ou de vários informantes, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre o tema. Dá-se ao sujeito liberdade para dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo indagado pelo entrevistador (SANTOS e SANTOS, 2008, p. 715) (Acréscimos nossos).

Narrativas e análises

Na delimitação das análises, baseando-se no construto Autonomia nas visões de Benson (1996), Moura Filho (2005, 2009) e Nunan (1997), buscou-se encontrar/identificar elementos dentro da narrativa - história de vida - do aprendiz JA que indicavam a autonomia na aprendizagem de Língua Estrangeira. Essa escolha se justifica, pois, “a história de vida permite obter informações na essência subjetiva da vida de uma pessoa”, como exemplificado por Santos e Santos (2008, p 715). Contudo, não houve pretensão de se fazer correções morfosintáticas nas transcrições da narrativa, pois não era esse o intuito deste estudo e evitamos fazê-los ao longo das entrevistas para não cercear os pensamentos livres do aprendiz.

O participante João Alves, casado, 55 anos de idade, doravante JA, oriundo de União de Palmares, município do estado brasileiro de Alagoas (AL), veio para Brasília – Distrito Federal em 1988 para residência médica no Hospital das Forças Armadas (HFA). Hoje, médico pós-graduado em Anestesiologia, Dermatologia, Medicina do Trabalho, dentre outros, com formação superior iniciada na Universidade Federal de Alagoas (FAL) no ano de 1988, morador do *Park Way* (Região Administrativa de Brasília) desde 1997 e servidor público na Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SESDF) desde de 1992, pai (um filho de 23 anos).

Segundo relatos de JA, ele estuda o Inglês há mais de dez anos, ora em cursos regulares de língua, cursos livres, ora com professores particulares. Outro ponto interessante revelado pelo participante JA: ao fim da sua residência médica, teve uma oportunidade de continuar seus estudos nos Estados Unidos, Boston (no período de 1991 a 1992), por cerca de nove meses, divididos em dois períodos (com um intervalo de seis meses), nos quais pode praticar o Inglês *in loco*. Entretanto, o participante relata que não pode aproveitar, em

plenitude, sua vivência no exterior, pois havia um grande número de brasileiros no seu convívio, facilitando, assim, o uso da sua língua materna – Português do Brasil.

Atualmente, JA estuda/revisa a língua inglesa com professora particular em casa ou em seu serviço, duas vezes por semana, somando quatro horas de aulas. A abordagem comunicativa, segundo ele, é a norteadora desses encontros, a professora escolhe um assunto atual e inicia a conversa com JA, pedindo explicações e opiniões a respeito do assunto, além de pontos gramaticais revisados e re(aprendidos) nesses diálogos. Ainda, de acordo com os relatos de JA, ele busca não esquecer e ao mesmo tempo melhorar sua competência oral com esses encontros/conversas/aulas.

[...] Iniciei a minha aprendizagem em Língua Inglesa na alfabetização com oito anos por intermédio de uma professora freira no Colégio Monsenhor Luiz Barbosa em 1967, pois sempre estudei em escolas particulares, Ainda, lembro do nome dela, Irmã Dayse, minha primeira professora. Tem coisas que ela me ensinou que eu lembro até hoje. Ela usava um método de tradução e gramática, sem o uso de livros, ela escrevia palavras aleatórias em Inglês ou em Português, pedindo para os alunos as traduções, porém não escrevíamos nada no quadro e nem no caderno [...].

É interessante salientar que JA ao longo desse trecho afirma que a Professora Irmã Dayse ministrava as aulas de Inglês sem a obrigatoriedade curricular, segundo ele relata não haver lembranças se a professora Irmã Dayse tinha formação na área ou algo similar. Apesar da abordagem de tradução-gramática, de acordo com JA, havia momentos, no intervalo das atividades da escola, que a Professora Irmã Dayse cantava músicas em inglês para os aprendizes, proporcionando um momento de compreensão oral coletiva e, ao mesmo tempo, distração para todos.

[...] Após dois anos de estudos com a Irmã Dayse, fui estudar no Marista, onde fiz até o ensino médio, aí eu já tinha livro e as aulas eram duas vezes por semana, no fim do ensino fundamental eu ganhei uma bolsa de estudo e fiz inglês por quatro anos, não lembro se era *Yázigi* ou (...) não lembro direito. O inglês no Marista podia ser feito no colégio ou em uma instituição conveniada, eu fiz inglês até o segundo ano, porque fui liberado das aulas no colégio [...].

Nesse trecho, percebe-se uma autonomia na aprendizagem de JA que ganha uma bolsa de estudo em um curso livre de línguas pelo seu desempenho satisfatório na língua inglesa e a sua dispensa no último ano do ensino médio de frequentar as aulas de inglês no colégio, nesse momento, pode-se inferir um exemplo da *autonomia psicológica* de Benson (1996) e também do nível dois – envolvimento – para implantação da autonomia do aprendiz definido por Nunan (1997).

[...] Já na faculdade de Medicina em Maceió, tive de parar os estudos em inglês, porque a faculdade era muita puxada, não tinha tempo para mais nada além das disciplinas e dos meus plantões e estágios no hospital universitário, tentei me matricular em escolinha de línguas, mas faltava grana. Eu traduzia os textos para o português para não esquecer o Inglês e como a maioria dos textos da faculdade eram em inglês, foi assim a faculdade toda [...].

Identifica-se os níveis três e quatro da implementação da autonomia na aprendizagem de línguas de Nunan (1997); *intervenção e criação*, respectivamente na narrativa de JA, como também *autonomia política* defendida em Benson (1996), a identificação das condições estruturais que permitem, ao aprendiz, controlar tanto sua aprendizagem quanto o contexto no qual ela esteja inserida.

[...] No último ano de residência médica, já em Brasília, tive a chance de estudar em Boston durante nove meses, com um intervalo de um semestre no meio desse período. Eu me virava muito bem nas aulas, eu entendi o quê os professores falavam, porém não acho que melhorei o meu inglês como eu deveria, porque tinha muito brasileiro no curso e falava-se muito em português, os nativos estavam muito interessados em aprender português, daí eu só falava mais em português com eles, hoje com minha professora particular eu quero melhor minha pronúncia e quero voltar falando aos Estados Unidos, agora com o meu marido que é professor de línguas [...].

Nota-se nessa passagem que o fato de estar em um país de língua inglesa não significa necessariamente imersão na língua/culturas, o próprio participante JA admite que houve muitas interferências no seu processo de autonomia e na vivência do inglês no país. De maneira tímida, há uma apresentação da *autonomia técnica* elencada em Benson (1996), onde a aprendizagem da língua ocorre fora de contextos formais de Educação e sem o auxílio de um professor.

Claro que apesar de dez anos de aprendizagem de línguas, JA está no início de seu percurso rumo a sua autonomia na aprendizagem de línguas, o fato de ter uma professora particular e já possuir algumas técnicas para melhorar seu processo de aprendizagem de Inglês, como língua estrangeira, facilitam à caminhada ao objetivo, aconselha-se, como forma de enriquecimento, atividades com outras pessoas que falem ou estejam aprendendo essa LE, pois, é também, através da interação social que se alcança altos níveis de desenvolvimento da autonomia da aprendizagem e observou-se, nas análises das narrativas ressaltadas nessa pesquisa, que o participante JA, apesar de ser aprendiz que considera-se autônomo, não vivenciou todos os níveis autonomia elencados por Nunan (1997).

Por conseguinte, aconselhou-se também, a inserção de recursos da *web 2.0* como suporte para aumentar as competências linguísticas em Inglês como língua estrangeira para JA, tais como vídeos aulas, recursos de gravação e produção de sons, tarefas de produções orais e escritas na Internet, dentre outras para também trazer o participante para uma dimensão da autonomia política pregada por Benson (1996).

Considerações finais

Por meio da pesquisa realizada junto ao participante JA, aprendiz de LE, foi possível conhecer melhor o processo de escolha dele no processo de aquisição e autonomia no processo de aprendizagem de língua estrangeira, no caso Inglês, e adotar ações estratégicas para melhor comunicar-se nessa LE, além de oportunizar melhores condições para que JA se percebe como aprendiz autônomo em LE.

Um ponto relevante sobre o per(dis)curso de aprendizagem autônoma do participante João Alves (JA) é que não basta simplesmente ensinar um inventário de estratégias, pois os aprendizes precisam compreender como e porque usá-las. Um roteiro de tarefas/instrução deve envolver uma conscientização acerca da importância da autonomia na aprendizagem de LE, salientando os aspectos motivacionais relacionados ao seu uso.

Um outro ponto relevante, para que um roteiro de tarefas/instrução seja bem aplicado, é levar em conta o contexto e necessidades do aprendiz e, nesse sentido, é necessário que os professores encorajem os aprendizes a serem autônomos. Levando em conta esses aspectos, as intervenções podem ser efetivas no sentido de melhorar o uso da língua estrangeira, desenvolvendo a capacidade de gerir seus estudos e interesses por parte dos aprendizes, no que se refere aos seus processos de aprendizagem em LE.

Referências

- AGUIAR, V. R. L.; MEDEIROS, M. L. Entrevistas na pesquisa social: o relato de um grupo de foco nas licenciaturas. In: **Anais...** 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3041_1475.pdf> Acesso em: 31 ago. 2017.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BENSON, P. Concepts of autonomy in language learning. In: PEMBERTON, R. et al. (Ed.). **Taking control: autonomy in language learning**. Hong Kong: Hong Kong University Press. 1996. p. 27-34.
- COSTA, E. R.; BORUCHOVITCH, E. Fatores que influenciam o uso de Estratégias de Aprendizagem. **Psico-USF**, v. 5, n. 1, p. 11-24, 2000.
- DANSERAU, D. F. Learning strategy research. In: SEGAL, J. W.; CHIPMAN, S. F.; GLASER, R. (Orgs.). **Thinking and learning skills**. Hillsdale: L. Erlbaum, 1985.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MOURA FILHO, A. C. L. **Reinventando a aula: por um contexto cooperativo para a aprendizagem de inglês como língua estrangeira**. 161p. Dissertação (Mestrado em Linguística). PPLG/LIP/UnB. Brasília, 2000. Disponível em:

<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1541/1/Dissertacao Augusto Cesar L Moura Filho.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1541/1/Dissertacao_Augusto_Cesar_L_Moura_Filho.pdf)> Acesso em: 31 ago. 2017.

_____. **Pelo Inglês afora:** carreira profissional e autonomia na aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Brasília, 2005, 281p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). FALE/UFMG, 2005. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1554/1/Tese Augusto Cesar L Moura Filho.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1554/1/Tese_Augusto_Cesar_L_Moura_Filho.pdf)> Acesso em: 31 ago. 2017.

_____. O que há em um nome? O estado-da-arte da autonomia na aprendizagem de línguas. In: **Linguagem e ensino**, Pelotas, v.12, n. 1, p. 253-283, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/104>> Acesso em: 31 ago. 2017.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa:** mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, I. M. M.; SANTOS, R. S. A etapa de análise no método história de vida – uma experiência de pesquisadores de enfermagem. In: **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17 n. 4, p. 714-719, out-dez, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/12.pdf>> Acesso em: 31 ago. 2017.

SILVA, E. D. **A-TUA-AÇÃO:** o texto teatral, o corpo e a voz como mediadores na apropriação da oralidade no ensino-aprendizagem de língua estrangeira (francês). 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). PPGLA/LET/UnB. Brasília, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17176/1/2014 EduardoDiasdaSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17176/1/2014_EduardoDiasdaSilva.pdf)> Acesso em: 31 ago. 2017.

_____. Eu e você, você e eu na língua: uma abordagem interacional para o ensino de língua estrangeira. In: **Revista de Letras**, Taguatinga-DF, v. 8 n. 1, p. 1-13, 2015. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/6185/4180>> Acesso em: 31 ago. 2017.

_____. Uma coisa é o ideal, outra coisa é o possível: currículo, anseios, perspectivas e realidade de letras – francês – um novo caminhar para a licenciatura; In: **Revista Ininga**. Teresina, PI, v. 3, n. 1, p. 27-45. jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/ininga/article/view/5842/3623>> Acesso em: 31 ago. 2017.

_____.; LÁSCAR-ALÁRCON, Y. G. Eu ensino, tu ensinas, ele ensina e nós aprendemos: diferenciação do ensino de português como língua materna (L1), segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE). In: **Revista Anhanguera**, Goiânia. v.16, n. 1, jan/dez. p. 43-51, 2016. Disponível em: <http://forproll.com/wp-content/uploads/2017/07/04_Eu-ensino-tu-ensinas_2016-43_51-2.pdf> Acesso em 31 ago. 2017.

SOUZA, L. F. N. I. Estratégias de aprendizagem e fatores motivacionais relacionados: In: **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 95-107, 2010. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a08n36.pdf>> Acesso em: 31 ago. 2017.

Eduardo Dias da Silva Doutorando em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de LEM/Francês e Pedagogo da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisador nos grupos FORPROLL/UFVJM/CNPq e GECAL/UnB/CNPq.

Anexo 1**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Participante abaixo assino³, li antes de assinar este documento e declaro que concedo aos pesquisadores, condutores dessa pesquisa, como doação, o direito de uso de minhas informações pessoais envolvendo meu processo de aprendizagem autônoma de língua estrangeira e sobre aspectos de minha vida relacionados a este processo. Tal autorização envolve a utilização do referido material, no todo ou em parte, em comunicações em congressos, publicações em livros, periódicos ou mídias eletrônicas. Fui informado de que terei minha identidade preservada por pseudônimo, conforme um dos princípios éticos da pesquisa acadêmica.

Brasília, __/__/__

Assinatura do participante da pesquisa

³ Original assinado e datado pelo participante, por questões éticas de pesquisa em Ciências Sociais/Humanas, foi preservada identidade do participante.